

# “O LEVE E O PESADO: O TRABALHO DE HOMENS E MULHERES EM ATIVIDADES NA AGRICULTURA FAMILIAR

Resultado de investigação finalizada

GT05- Desenvolvimento rural, globalização e crise

Raquel Lunardi<sup>1</sup>  
Fátima Perurena<sup>2</sup>  
Marcelino de Souza<sup>3</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar as relações de trabalho em atividades não agrícolas e como isso tem mudado as relações de gênero utilizando-se como objeto de estudo propriedades pluriativas que desenvolvem a atividade do turismo rural em São José dos Ausentes, RS. Novas formas de uso do espaço rural estão postas e com elas novas formas de organização da vida familiar, onde a divisão do trabalho é uma das esferas mais afetadas. Para compreender essa teia de relações, foi preciso refletir sobre as relações internas a família, sobre a organização das tarefas diárias na agricultura, nas atividades não agrícolas e no trabalho doméstico a partir da inserção do turismo rural.

Palavras chave: trabalho; turismo rural; gênero.

## 1. INTRODUÇÃO

O meio rural brasileiro passa, principalmente após a década de setenta, por mudanças significativas em seu espaço, não só econômicas, mas também sociais. Essas modificações vêm ocorrendo em virtude da modernização agrícola, que surge com a implantação de novas técnicas e de métodos de plantio e colheita, com inovações genéticas e com melhoramento na mecanização (GRAZIANO DA SILVA, 1999). Em resposta a este ambiente de mudanças que vive a agricultura brasileira, novas trajetórias estão emergindo em um campo que não é mais somente agrícola, mas também cenário para o desenvolvimento de novas atividades e de multifuncionalidades, alterando valores sociais, culturais e também o processo de organização e alocação do trabalho no interior do grupo doméstico. Esta nova redefinição do rural emerge principalmente, segundo Carneiro (1998), de dois fenômenos: o primeiro diz respeito à inserção de atividades não agrícolas, possibilitando que o agricultor se torne um agricultor pluriativo, trazendo mudanças nas formas de organização da produção e na divisão do trabalho; o segundo refere-se à necessidade que as pessoas, principalmente as cidadinas, têm de buscarem atividades relacionadas ao lazer no campo. Assim, surgem novas formas de uso do espaço rural relacionadas ao consumo de novos produtos e serviços, o que tem permitido que o produtor rural, que era somente fornecedor de matéria-prima, passe a ser um prestador de serviços através de opções de lazer diversificando suas formas produtivas. Esta última constatação tem incentivado muitos agricultores a desenvolverem o turismo, alterando o ritmo de vida local e familiar, a estrutura na divisão das atividades, tanto no que diz respeito as atividades relacionadas com o turismo quanto nas referentes a agricultura e ao ambiente doméstico, bem como os valores sociais e culturais dos agentes envolvidos.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha - Brasil – [Raquel\\_lunardi@yahoo.com.br](mailto:Raquel_lunardi@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil

Nesse sentido, a temática de investigação que emerge dessa realidade propõe fornecer respostas à seguinte indagação: o trabalho no turismo rural tem propiciado a ocorrência de mudanças significativas na divisão sexual do trabalho e isso resulta na desconstrução das formas de dominação/exploração no meio rural? A pertinência desta problemática para o desenvolvimento rural se constrói a partir do momento em que uma nova atividade produtiva, o turismo rural, está sendo realizada no espaço doméstico, ou seja, na casa, que é quase sempre de domínio da mulher. A proximidade entre as tarefas realizadas no ambiente doméstico com a atividade produtiva turismo rural permite que homens e mulheres desenvolvam e reestruturam suas funções dentro da unidade familiar. Porém, não se sabe se estas mudanças permitem transformações na divisão sexual do trabalho. Assim, buscamos identificar a nova divisão sexual do trabalho decorrente do envolvimento em atividades não-agrícolas. Para compreendermos as relações de gênero e trabalho, utilizamos os estudos de Hirata e Kergoat (2007), Morell e Bock (2008) e Rivera (2000) onde buscamos o entendimento sobre o processo de separação e hierarquização do trabalho no turismo rural.

Buscamos compreender a dinâmica do trabalho no turismo rural analisando sete propriedades pluriativas e seis agrícolas no município de São José dos Ausentes, região norte do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Como instrumento de pesquisa optou-se pela interrogação dos atores através da conversação guiada, dirigida a partir de perguntas pré-formuladas, mas com certo grau de liberdade do entrevistador e do entrevistado. A fase da organização dos dados foi feita, primeiramente, pela transcrição das entrevistas e logo foi feita a classificação dos dados por meio da categorização. O artigo está estruturado da seguinte forma: introdução, sub item de revisão bibliográfica denominado de gênero, trabalho e turismo rural, resultados e discussão denominado O Trabalho de Homens e Mulheres no Turismo Rural em São José dos Ausentes: coisa de mulher e coisa de homem

## **2. GÊNERO, TRABALHO E TURISMO RURAL**

As mudanças ocorridas no meio rural têm permitido que esse espaço, que até então era somente agrícola, passasse a desenvolver atividades não agrícolas, especialmente as relacionadas com o beneficiamento de produtos (agroindústria e artesanato) e com as atividades de lazer, como o turismo rural, levantando novas questões na agenda acadêmica sobre o papel de homens e mulheres no desenvolvimento rural. Essa reorganização do meio rural, segundo Brandth (2010) tem ocasionado novas configurações de trabalho, econômicas, sociais e de gênero no meio rural. Esta nova reorganização do trabalho rural tem evidenciado o trabalho feminino em atividades não agrícolas.

A busca por uma nova atividade (não agrícola), segundo Shortall (2002), parte geralmente das mulheres, mesmo que a decisão seja do grupo familiar. São elas que desempenharão essa nova atividade e o fazem como uma estratégia de sobrevivência da propriedade e para manterem o trabalho do homem na agricultura. Para Shortall (2002), o trabalho não agrícola permitiu às mulheres assumirem novas posições e se envolveram em novas práticas. Para Brumer (2004):

[...] as mulheres estão interessadas em começar novas atividades na propriedade agrícola, não só para gerar renda extra, mas também como uma estratégia para ter domínio do seu próprio trabalho na propriedade agrícola e uma identidade profissional independente. É também uma maneira de ganhar mais influência na gestão da propriedade agrícola como um todo. Além disso, as mulheres são geralmente mais convencidas de que seu marido, que a diversificação oferece um futuro promissor para sua propriedade agrícola. Elas rejeitam, mais freqüentemente, a idéia de que a nova expansão, a intensificação e a industrialização da agricultura são opções viáveis para o futuro do setor agrícola como um todo (2004, p 118-119).

Contudo, analisar o trabalho no turismo rural traz a discussão dois princípios que estão relacionados a organização tradicional do trabalho: a separação e a hierarquização. Separação no sentido de que há trabalho de homens e há trabalho de mulheres, e hierárquico no sentido da valorização, em que o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher. O primeiro princípio que faz referência à separação das atividades pelo sexo classifica as atividades que são de mulheres e atividade que são de homens. Por exemplo: as lidas da casa, da horta, de pequenos animais e dos filhos são delegadas às mulheres; atividades tidas como de caráter masculino, como lidas na roça, com o gado, com maquinário pesado são delegadas ao sexo masculino. O segundo princípio, o de hierarquização, está relacionado com o valor destas atividades, em que as atividades femininas têm um valor periférico em relação às masculinas, pois estas são organizadas a partir de um sistema de produção de bens, isto é, produtivo, e aquelas são organizadas a partir do sistema de produção de seres humanos, a reprodução.

Essa subdivisão entre separação e hierarquização tem explicações nos argumentos de que estão associadas a aspectos de ordem natural e social. O de ordem natural estaria relacionado ao sexo, ou seja, o sexo definiria o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher, a ordem física do corpo, e estaria relacionado “às deficiências físicas e mentais dos membros da categoria sexo feminino que determinam a imperfeição das realizações empíricas das sociedades competitivas” (SAFFIOTI, 1976, p. 35). O fator de ordem social estaria relacionado à construção histórica e social da sociedade, no qual a condição da mulher é fruto não do físico e biológico, mas sim da cultura (SCOTT, 1995). Essa divisão, para Oldrup (1999), está relacionada à identidade social do trabalho, onde o ser mulher e o ser homem estão associados às tarefas desempenhadas na divisão sexual do trabalho na propriedade. Para esta autora, o “discurso sobre a identidade das mulheres agrícolas continua a se concentrar sobre o papel das mulheres na divisão tradicional do trabalho na propriedade agrícola, e esse discurso ainda é dominante” (OLDRUP, 1999, p. 344).

Para Hirata e Kergoat (2007) novas configurações da divisão sexual do trabalho estão emergindo, dado esse que muda com o tempo e com o espaço. Estas configurações estão ligadas à reorganização do trabalho no campo assalariado e doméstico, este último com maior envolvimento de homens; aparição dos “nomadismos sexuais”, ou seja, a exploração do trabalho em tempo parcial, tanto para mulheres como para homens; e aumento da participação da mulher no mercado de trabalho de nível superior simultaneamente ao aumento do número de mulheres em situação de pobreza.

Esta nova configuração do trabalho citada pelas autoras também é sentida no espaço rural, onde, a partir do processo de modernização da agricultura, toma novas formas e ressignificações e, conseqüentemente, novas fontes de renda são inseridas, especialmente as não agrícolas. Esse fenômeno está associado ao mercado de trabalho local, à condição de reprodução, sobretudo econômica da família, decorrente de fatores como mudanças nos sistemas de cultivo, da introdução de novos produtos e tecnologias, modificações nas relações de produção, e ainda da identidade profissional de homens e mulheres; e por outro lado, há também um aumento na participação das mulheres na agricultura<sup>4</sup>. Este último está atrelado a fatores, tais como migração dos maridos para outras áreas em busca de empregos agrícolas ou não agrícolas, divórcio, viuvez, e solteirice.

Contudo, o trabalho da mulher deve ser conciliado com o trabalho com o trabalho doméstico. Esta conciliação depende das circunstâncias pessoais de cada mulher, do tipo de trabalho realizado e do contexto familiar onde se organizam as atividades laborais, sejam elas domésticas ou produtivas (MARTINEZ E MUÑOZ, 2003). Esta relação tem facilitado, também, a entrada da mulher no mercado de trabalho fora da propriedade, pois são nestes empregos que expressam seu “perfil profissional feminino”, sua maior forma de acesso. Já trabalhos que são considerados como do “perfil profissional

---

<sup>4</sup> Os dados do PNAD (2009) apresentam um crescente aumento na participação de mulheres na atividade agrícola entre os anos de 2002 e 2009. Porém, há que se destacar que as mulheres continuam em menor número na agricultura, e o trabalho não remunerado e de autoconsumo ainda prevalece em mais de 70% das mulheres envolvidas com a agricultura, e quando estas assumem a direção de um empreendimento agrícola este é de agricultura familiar.

masculino” são os que menos estão abertos para as mulheres. Essa relação demonstra que as formas de trabalho, seja rural ou urbano, estão atreladas à divisão sexual do trabalho.

A introdução de novos produtos, no caso deste estudo, o turismo rural, tem garantido o trabalho produtivo da mulher, mesmo que durante determinado período de tempo. Seu caráter doméstico tem-se apresentado como fator incentivador para o envolvimento de mulheres nesta atividade. Contudo, a organização desse trabalho tem se apresentado dentro da divisão sexual do trabalho. No momento em que se organiza dessa forma, com base no sexo, assume a separação e a hierarquização.

### **3 O TRABALHO DE HOMENS E MULHERES NO TURISMO RURAL EM SÃO JOSÉ DOS AUSENTES: COISA DE MULHER E COISA DE HOMEM**

O turismo nas famílias pesquisadas emerge a partir das dificuldades econômicas encontradas por essas famílias, e seu principal resultado é a reorganização do trabalho familiar. Porém, essa reorganização ainda está baseada dentro de uma estrutura de divisão sexual do trabalho que segue a estrutura tradicional. Esta estrutura segue os princípios de separação e hierarquização colocadas por Hirata e Kergoat (2007). O primeiro aspecto está relacionado ao sexo, às atividades que são de homens e que são de mulheres, e o segundo diz respeito ao valor destas atividades. Entender como se constroem essas relações e que mudanças estão ocorrendo neste ambiente após o turismo é uma discussão que se faz importante no momento em que “novas atividades” são inseridas e que “antigas” são excluídas e/ou modificadas. Ocupações tradicionais, que passaram de geração para geração e que tinham importância econômica para a família, como a produção do queijo, são algumas vezes substituídas por outras, mais rentáveis e que desprendem menos esforço físico. Porém, há que se destacar que a atividade “principal” das propriedades, a pecuária, não foi substituída pelo turismo, pelo contrário, ela foi reforçada no momento em que recursos e conhecimentos<sup>5</sup> adquiridos no desenvolvimento da atividade turística são aplicados na pecuária.

O trabalho no turismo rural na região pesquisada está sustentado nas bases tradicionais de divisão sexual do trabalho, cuja características físicas são fundamentais para o seu entendimento, visto que é ela que sustenta a identidade profissional de homens e mulheres no meio rural, onde o homem é o agricultor e a mulher, mulher de agricultor como apresenta Carneiro (1998). Com o turismo rural, essa identidade passa por ressignificações, contudo, ela não é substituída por uma nova, mesmo que agora ela se reconheça como empresária do turismo rural. Como empresária, ela reforça sua identidade como agricultora, talvez pelo fato do turismo exigir isso, que acaba por se constituir parte do produto turístico. Se antes do turismo elas eram donas de casa e mulheres de agricultores, hoje elas são donas de casa, agricultoras/pecuaristas e empresárias do turismo rural. Porém, cabe destacar que esta mudança de caracterização do perfil profissional pouco muda na sua posição/participação dentro da família. Ela continua sendo dona de casa e desempenhando trabalhos domésticos, e o homem continua sendo provedor da propriedade em todas as suas instâncias produtivas.

Por um lado, o turismo rural permitiu maior visibilidade ao trabalho doméstico da mulher e reforçou a invisibilidade do trabalho feminino na pecuária. A isso está relacionado o fato da pecuária ser definida como atividade predominantemente masculina, estar relacionada com o uso da terra, ou seja, ao campo, e também ao aumento das horas trabalhadas pelas mulheres dentro da casa. Anteriormente à existência da atividade turística, as mulheres “ajudavam” os homens na pecuária. Atualmente, com o turismo, isso é praticamente impossível, pois elas não têm mais tempo disponível para isso. As tarefas relacionadas ao turismo ocupam aproximadamente quinze horas diárias de trabalho, inviabilizando a ida da mulher para o campo. A ela são destinados trabalhos mais próximos ao ambiente doméstico, como o trato dos animais e os cuidados da horta.

---

<sup>5</sup> Estes conhecimentos se referem ao contato com pessoas de diferentes áreas, sejam elas hóspedes ou que trabalham em instituições envolvidas com o turismo, ou com a Prefeitura Municipal.

A ajuda que a mulher dedica ao homem na pecuária é dada por ele no turismo rural. Na maioria das pousadas, o trabalho do homem é considerado, tanto por elas como por eles, como “ajuda”, sobretudo quando diz respeito às atividades realizadas dentro da casa. No entanto, há trabalhos que são específicos dos homens, como os passeios, cavalgadas e limpeza do pátio. As mulheres são as responsáveis pela maior parte das tarefas realizadas dentro da casa, como a alimentação e a limpeza, fundamentais na execução do turismo. Isso aponta para a proximidade existente entre as tarefas desempenhadas no turismo rural com as tarefas domésticas, identificada também em outros estudos, como os de Nogueira (2004), Garcia Ramón, Canoves e Valdovinos (1995), Rivera (2000) e Brandt e Haugen (2010), que demonstraram em seus trabalhos que as mulheres são as que realizam a maior parte do trabalho no turismo e o maior número de trabalhos combinados, com maior jornada de trabalho diário. Segundo Rivera (2000), as mulheres realizam cinco tipos de trabalhos diferentes dentro da propriedade: “o trabalho doméstico, o trabalho no turismo, o trabalho agrícola, o trabalho para o autoconsumo e outra atividade remunerada” (p.161). Perez e Valiente (2000) também destacam esta aproximação consideram o turismo rural como uma ampliação do trabalho doméstico das mulheres, pois este é realizado simultaneamente ao trabalho doméstico, tendo as mesmas características, podendo elas continuarem com sua atividade principal, que é a reprodução, ou seja, a realização do trabalho doméstico para a manutenção da família. Para Brandt e Haugen (2010a), essa continuação do trabalho doméstico para o turismo pode resultar na permanência das tradicionais práticas de gênero rural. Atrelado a isso, as mulheres podem realizar esta atividade dentro do ambiente doméstico, podendo conciliar o atendimento aos turistas ao dos familiares. Além disso, elas destacam a qualificação necessária para desenvolver tais atividades, a mesma que elas necessitam para realizar as tarefas domésticas, ou seja, o conhecimento popular adquirido com o passar do tempo e passado de geração a geração.

No turismo rural, os resultados de nossa pesquisa apontam as mulheres são as responsáveis pela alimentação e tudo o que a envolve, por exemplo, os cuidados com a horta (plantio e colheita dos alimentos), trato dos pequenos animais (vacas e aves), relacionamento com os fornecedores de matéria-prima para elaboração de alimentos utilizados no turismo, e cuidados com árvores frutíferas.

Outro produto importante para o turismo e que é de domínio da mulher é o queijo serrano. Algumas propriedades ainda produzem o queijo, especialmente para o consumo na atividade turística, como prática cultural demonstrativa, e para a venda ao turista quando há excedente. A produção do queijo envolve toda a família. Os homens, na sua maioria, são os responsáveis por buscar as vacas no pasto e prepará-las para a ordenha, realizada pelas mulheres. Enquanto isso, a mulher vai arrumando os equipamentos e utensílios necessários para a ordenha. A ajuda do homem na ordenha é dada pelo número de animais. A mulher é quem ordenha as vacas, às vezes, com a ajuda do homem, se o número de animais for grande. Depois da ordenha, os homens retornam com as vacas no pasto e *organizam* a estrebaria. Enquanto isso, as mulheres destinam-se à casa do queijo (que em muitas propriedades já não existe mais) para preparar o produto. Em uma das propriedades, é o homem que produz o queijo, porém, este fez cursos de qualificação para produzir melhor, tecnicamente e outros tipos de queijo, isto não quer dizer que o queijo que ele produza seja melhor.

Ainda referente ao beneficiamento de produtos, são as mulheres, donas de casa, que são as responsáveis pela produção de doces (chimias e compotas), pães, bolachas, massas e licores, este último sendo dividido com os homens, pois, como é considerada bebida quente, sua identidade está relacionada ao masculino, assim como o carrear e fabricar produtos derivados da carne, como o salame ou a linguiça. As mulheres são responsáveis pela alimentação, e a limpeza da casa, que compreende atividades de camareira, limpeza geral (varrer, lavar e encerar a casa). A limpeza da cozinha não é contabilizada aqui, pois se relaciona com o preparo dos alimentos. Fato importante desta atividade é o aumento do trabalho, considerado por todas as mulheres como um dos fatores de maior investimento do tempo, pois há necessidade de manter diariamente a casa limpa. Quando há hóspede alojado, esse

trabalho triplica, e isso justifica ser a atividade que mais emprega mulheres temporariamente nas pousadas e, também, a que mais recebe ajuda dos homens dentro da casa nas atividades relacionadas à limpeza da casa, tais como encerar e lustrear.

Todas as pousadas são construídas com a utilização de madeira, fato característico da região em função da existência de produção de madeira e também pelo clima. Encerar a casa é atividade da mulher, já o lustrear pode ser tanto delas quanto dos homens: [...] *hoje eu passo a enceradeira, né, eu limpo as mesas eu ajudo ela... antes não [...]* (Pedro). Atrelado à limpeza da casa está a limpeza do pátio, cortar a grama, varrer e cuidar das flores. Estas atividades são divididas entre homens e mulheres. Com o turismo essas atividades passaram a ter maior participação dos homens e a serem consideradas por elas como atividades secundárias. As atividades prioritárias relacionadas às mulheres são a alimentação e a limpeza da casa, que são consideradas as “peças chave” para o desenvolvimento do turismo.

Além destas atividades, as mulheres realizam outras no turismo rural, como as relacionadas com a administração e a gerência da atividade que compreende o planejamento das atividades a serem realizadas, as compras no mercado, as reservas dos hóspedes e a contabilidade da atividade. Como o turismo é uma atividade realizada dentro da casa, nestas circunstâncias, são as mulheres as mais envolvidas na administração das tarefas e isso está diretamente relacionado com o espaço onde estas atividades são realizadas, logo, a administração do turismo também será. Cabe destacar aqui que a administração está estritamente relacionada com a execução e não com o pensar da atividade. O pensar envolve todos os membros da família. Quando as atividades turísticas são realizadas no espaço externo à casa, como cavalgadas e passeios, estes ficam sob a responsabilidade do homem, já que são eles que as executam. Isso demonstra que a mulher não está mais inserida na administração da propriedade do que antes. Ela continua administrando o que é de seu domínio, a casa, e o homem continua administrando o que é de seu domínio, o campo. Isto nos levaria a questionar sobre o papel do turismo nas relações de gênero: afinal, este está mudando, ou até mesmo, transformando a posição da mulher dentro da propriedade ou apenas reforçando esta posição, agora na esfera pública? Os resultados trazidos aqui demonstram que há uma mudança na divisão de algumas tarefas, sobretudo das domésticas, mas que essa mudança pode ainda não ser suficiente para uma transformação no sistema de gênero.

Relacionada à administração está a contabilidade. A maioria das mulheres relata serem elas as responsáveis pela contabilidade, ou seja, receber os valores dos turistas e ter o controle das contas. Porém, quando questionadas se são elas que gastam esse recurso, a maioria respondeu negativamente. Elas ficam com o dinheiro e têm o domínio dele enquanto está dentro da casa. No momento em que esse recurso vai para o ambiente externo, elas já não têm mais controle sobre o mesmo.

A compra dos alimentos é um fator importante para se destacar, pois envolve a mobilidade espacial das mulheres rurais. Esta atividade é a que possui menor envolvimento da mulher, sobretudo, quando diz respeito à efetivação da compra. São elas que fazem a “lista” das compras, o que precisa e a quantidade, porém não são elas que vão ao mercado buscar os produtos. Esse fenômeno está relacionado, especialmente, a dois fatores: a mobilidade das mulheres, aqui materializado no ter ou não Carteira Nacional de Habilitação (CNH), e ao tempo que esta atividade exige pelo menos um turno, pois todas moram a pelo menos trinta quilômetros do centro da cidade e o acesso é por estrada de chão batido. As mulheres que possuem CNH planejam esse deslocamento para os dias em que não há hóspedes. Outra atividade realizada pelas mulheres é o atendimento do hóspede ao telefone para efetivar a reserva. Essa tarefa ficou destinada a elas, porque permanecem a maior parte do dia dentro de casa ou em seus arredores

Assim, esse exemplo de administração da atividade turística poderia muito bem desfazer convenções tradicionais de divisão sexual do trabalho com base no gênero. O trabalho de gestão da pousada com certeza é um grande salto na direção de mais poder e influência para as mulheres na

propriedade. “No entanto, vemos que ela é concebida, ou recodificada, como qualquer trabalho doméstico ou trabalho de escritório e, assim, está sendo normatizada em termos de poder de relações de gênero (BRANDTH e HAUGEN, 2010, p.440b).

Além da expressiva participação das mulheres no turismo rural, não poderíamos deixar de mencionar a participação masculina, visto que nosso estudo pretende compreender as relações de gênero no meio rural. Os homens são considerados pelas mulheres e por eles mesmos como “ajudantes” no turismo. A eles, com já dito, são destinadas tarefas realizadas no espaço externo à casa, como os passeios, as cavalgadas e a limpeza do pátio. Além disso, eles auxiliam as mulheres em atividades como fazer o fogo, buscar lenha para o fogão e para a lareira, e tratar os pequenos animais. Assim como as mulheres, os homens têm importante presença nas decisões relacionadas com o turismo rural, em que tudo é combinado entre o casal, mas quem geralmente decide é o homem.

As mulheres mais e os homens menos, porém, ambos são fundamentais para o desenvolvimento do turismo nestas propriedades, sendo que cada um tem uma função a ser desempenhada. No entanto, cabe aqui destacar que a participação da mulher na execução das atividades turísticas é maior do que a dos homens, visto que as atividades domésticas são a base para o desenvolvimento da atividade turística. Isso nos remete à coletânea de estudos organizadas por Garcia Ramón e Ferré (2000), que destacam que o turismo rural é uma extensão do trabalho doméstico ou um trabalho doméstico ampliado, o que justificaria, também, o envolvimento “natural” da mulher com a atividade. Quando a unidade familiar identifica o trabalho no turismo como similar ao doméstico (elaboração de alimentos, atenção a terceiras pessoas, limpeza da casa, etc) se atribui imediatamente a mulher como a pessoa mais indicada para se encarregar do trabalho (RIVERA, 2000).

Porém, há que se considerar que o turismo rural permitiu maior inserção das mulheres no mundo do trabalho produtivo e, conseqüentemente, maior valorização do trabalho feminino, ocasionando aumento da autoestima, melhoria da qualidade de vida, maior autonomia financeira e ampliação do ambiente de socialização. Por outro lado, é possível identificar também a ampliação do trabalho doméstico feminino, como já relatado, o que poderia provocar um reforço a esse tipo de trabalho, ainda desvalorizado econômica e socialmente. Porém, cabe destacar que o turismo rural trouxe mudanças no comportamento do homem quanto à execução de atividades domésticas. Antes eles não ajudavam as mulheres em nenhuma atividade, hoje eles participam, mesmo que seja como ajuda. Nesse sentido, o trabalho no turismo rural estaria mudando o comportamento de alguns membros e reforçando o de outros. Nesse sentido, cabe destacar que o trabalho das mulheres apresenta-se como indispensável para o turismo, visto que as atividades por elas desempenhadas para a família e para o turista são as mesmas. O turismo, nas famílias pesquisadas, proporcionou aumento de trabalho para os membros da família, o que resultou na necessidade de contratar mão de obra externa à família, seja para o trabalho realizado no turismo ou na pecuária.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os estudos de gênero têm por muito tempo focado suas análises nas diferenças relacionadas ao trabalho, seja urbano ou rural. Trazem em seu debate dois conceitos que consideramos imprescindíveis para a nossa discussão, que é a separação e a hierarquização. Separação no sentido de que há trabalhos de homens e de mulheres, e hierarquização no sentido da valorização destes trabalhos. Esta divisão ficou evidente na nossa análise, mesmo que com o turismo as práticas masculinas e femininas continuam praticamente inalteradas.

Atividades de caráter masculino continuam sendo de responsabilidade de homens, enquanto atividades de caráter feminino continuam predominantemente sendo de responsabilidade de mulheres. O que ocorre com o turismo rural é uma reformulação nas configurações deste trabalho, como o

aumento de horas trabalhadas, de tarefas e de responsabilidades, pois agora, além dos cuidados com a família, a mulher precisa dedicar-se a outra atividade.

Algumas tarefas novas têm sido incorporadas como a administração de recursos humanos e econômicos, o contato com o público externo, o que exige que elas sejam mais polidas, receptivas e, também, mais cuidadosas na aparência física. Os homens, mesmo no turismo, são os responsáveis por atividades identificadas como sendo masculinas, ou seja, com a organização externa da casa, tais como a limpeza do pátio, o trato dos animais, especialmente os cavalos utilizados nas cavalgadas e o acompanhamento das trilhas ecológicas. O fato novo que ocorre é que os homens passam a se inserir mais nas atividades tidas como domésticas, e essa é a mudança sentida na organização do trabalho, pois isso sempre foi visto como uma das barreiras na divisão sexual do trabalho a ser transpostas. Os homens tiveram de reorganizar o trabalho na pecuária para poder conciliá-lo com suas atividades no turismo, assim como as tarefas das mulheres, é de significativa importância para o desenvolvimento da atividade turística atualmente.

Esta conciliação e/ou a negociação é de ambos os lados, ou seja, as mulheres tiveram que conciliar suas atividades domésticas com as do turismo, e os homens tiveram que conciliar as tarefas na pecuária com as do turismo. Porém, são as mulheres que desempenham maior parte das tarefas no turismo, que são consideradas como uma extensão do seu trabalho doméstico das mulheres. No entanto, a atividade apenas se desenvolve se não trouxer prejuízos para o trabalho familiar, tanto para o doméstico como para o da pecuária, podendo ser conciliado com estes, já que nenhum é passível de abandono pelas famílias.

Outrossim, mudanças importantes a serem destacadas são atribuídas por homens e mulheres às atividades domésticas, ao contato com o público externo, às formas de negociação e de conciliação das tarefas domésticas com as produtivas, à visibilidade do trabalho da mulher, porque agora esse trabalho, que antes era somente doméstico, é remunerado. O fato de as atividades domésticas serem pagas e representarem parte da renda das famílias geram uma nova configuração simbólica sobre suas vidas e sobre as relações sociais e familiares. No entanto, essas mudanças não foram capazes de alterar a hierarquia e o *status* do trabalho de homens e mulheres nestas propriedades, porque estas permanecem ancoradas pela divisão sexual do trabalho tradicional, pela qual cada um tem uma função a ser desempenhada no sistema de gênero patriarcal, visto que as tarefas continuam sendo separadas e hierarquizadas. Assim, concluímos que a tradicional divisão sexual do trabalho nas áreas rurais permanece inalterada, mesmo que esta se apresente reestruturada a partir da inserção do trabalho em atividades não agrícolas.

## 5 BIBLIOGRAFIA

BRANDTH, B. (2010). Tourism in a rural setting: new directions and challenges. *The Open Social Science Journal*, 3, 10-14.

BRANDTH, B., HAUGEN, M. S. (2010a). Gendered Work in Family Farm Tourism. *Journal of Comparative Family Studies*, Calgary, 35, 2, 379-393.

\_\_\_\_\_. (2010b). Doing Farm Tourism: The Intertwining Practices of Gender and Work. *Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, 35, 2, 425-446.

BRUMER, A. & PAULILO, M.I. As agricultoras no sul do Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 1, 12, 171-174.

CARNEIRO, M.J. (1998). Ruralidade: novas identidades em construção. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, 11, 53-75.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE . Mapas FEE. 2009. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br>>. Acesso em: 09 mar. 2009.



- GARCIA RAMÓN, M. D. & FERRÉ, M. B. (2000). El nuevo papel de las mujeres en el desarrollo rural. Barcelona: Oikos-tau.
- GARCIA RAMÓN, M. D. CANOVES, G. & VALDOVINOS, N. (1995). Farm tourism, gender and the environment in Spain. *Annals of Tourism Research*, New York, 22, 2, 267-282.
- GRAZIANO DA SILVA, J. (1999). O novo rural brasileiro. Campinas: UNICAMP/IE. (Coleção Pesquisas, n. 1).
- HIRATA, H., KERGOAT, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, 37, 132, p. 595-609.
- MARTINEZ, A. S., MUÑOZ, M. D. (2003). Mujeres y desarrollo rural: la conciliación de tiempos de vida y de trabajo. *Serie Geográfica*, Madrid, 11, 141-162.
- MORELL, I. A. & BOCK, B. B. (2008). Rural gender regimes: the development of rural gender research and desing of a comparative Approach. En: MORELL, I. A. & BOCK, B. B. *Gender regimes, citizen participation and rural restructuring*. Amsterdam: Elsevier (p.p. 03-32).
- NOGUEIRA, V. S. (2004). A “Venda Nova das Imigrantes”: relações de gênero e práticas sociais no agroturismo. Tese de maestria (mestrado em sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- OLDRUP, H. (1999). Women Working of the Farm: Reconstructing Gender Identity in Danish Agriculture. *Sociologia Ruralis*, Assen, 39, 3, 343-358.
- PÉREZ, M. V. & VALIENTE, G. C. (2000). Turismo rural em Galicia: sin mujeres imposible. En: GARCIA RAMÓN, M. D. & FERRÉ, M. B. *El nuevo papel de las mujeres em el desarrollo rural*. Barcelona: Oikos-tau, (pp. 171-198).
- RIVERA, A. C. Implicaciones de gênero em el desarrollo de la oferta de agroturismo em Navarra y Astúrias. En: GARCIA RAMÓN, M. D. & BAYLINA, F. M. *El nuevo papel de las mujeres em el desarrollo rural*. Barcelona: Oikos-tau (pp. 153-169).
- SAFFIOTI, H. I. B. (1976). A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Petrópolis: Vozes.
- SHORTALL, S. (2002). Gendered Agricultural and Rural Restructuring: A Case Study of Northern Ireland. *Sociologia Ruralis*, Assen, 42, 2, 160-175.